



AS MANCHAS DA ELETROSUL

Como pirotecnias ideológicas podem afetar o futuro de uma organização?

- Simples, mas real e ameaçador -

Simples foi a facilidade de injetar na coluna de sustentação da Eletrosul três iniciativas acompanhadas de shows pirotécnicos que saciaram vontades políticas, sem uma precisa e necessária avaliação empresarial.

A primeira veio logo no início do governo Lula, quando o então presidente Milton Mendes anunciou, com confetes e serpentinas, a volta da Empresa à geração, com a compra de uma dezena de PCH's. Bateu na trave, só duas foram efetivamente construídas e prejuízos foram computados.

Na sequência, o Brasil surfou na onda das energias renováveis com a implantação dos parques eólicos. O Nordeste, pelas características excepcionais dos ventos, foi escolhido pelos especialistas para os investimentos, a exemplo do que fizeram Copel e ENGIE. Mais uma vez a Eletrosul sofreu na carne com a decisão de alguns gestores, limitados tecnicamente ou bairristas (ou ambos) que escolheram o Rio Grande do Sul como o melhor sítio para a instalação dos Parques Eólicos. Os resultados estão nos balanços. É só comparar com as instalações do Nordeste, cujos fatores de capacidades resultaram acima dos previstos em projeto.

No terceiro tempo, outro movimento pirotécnico se fez presente com o arremate do Lote A, em novembro de 2014, com investimentos acima de 2,3 bilhões de reais. Durante o show apresentado aos empregados foi enfatizado que o feito representaria acréscimo superior a 50% da receita de transmissão da Empresa.

A Intersindical, na época, se posicionou aos empregados através do Fala Intersindical nº 355, com a manchete: O RISCO DE UM BOM NEGÓCIO, "na sombra de uma grande oportunidade pode estar também uma ameaça". Foi alertado sobre a equação do financiamento que não estava resolvida e poderia vir a ser o grande fator de risco do negócio: BNDES estrangulado na carteira de empréstimos que pulou de 6% para 12% do PIB, privilegiando setores e empresas por critérios obscuros. Hoje estamos aí colhendo os frutos de coisas mal planejadas. O tecido da Eletrosul ao longo dos últimos anos tem sido manchado deixando a empresa vulnerável e largada a qualquer sorte.

Agora, mais uma vez podemos estar entrando em outro túnel sem conhecer o que nos espera do outro lado. Nos referimos ao mergulho cego no projeto da incorporação CGTEE/Eletrosul. Cego porque entendemos que não foi levantado o mapa de risco da operação. Riscos muito bem abordados pela Associação Brasileira de Engenheiros Eletricistas – ABEE, em documento endereçado ao presidente da Eletrobras. Está sendo dada ciência do mesmo documento a alguns parlamentares pedindo que intercedam junto às áreas de controle, exigindo que uma análise técnica seja apresentada mostrando o mapa de risco da iniciativa. Não se trata aqui de ser contra ou a favor da proposta. O que não se deseja é mais uma vez correr o risco de nova iniciativa não ter sido avaliada no todo e continuar sangrando uma das melhores empresas do Grupo Eletrobras, com um histórico de excelentes resultados anotados em seus balanços desde 1998, quando houve a cisão e venda da geração. Da mesma forma para a CGTEE pode não ser o melhor.

Tempos difíceis para ambas.

**INTERSINDICAL NA REPRESENTAÇÃO LEGAL DAS SUAS CATEGORIAS
E NA DEFESA DE TODOS OS EMPREGADOS DA ELETROBRAS / ELETROSUL**

FILIE-SE AO SINDICATO DE SUA CATEGORIA

SENG/SC - SAESC - SINTEC/SC - SINDECON/SC - SINCÓPOLIS